

# Servidora respira aliviada

Regina recebeu a notícia pelo presidente do Sindicato dos Servidores do Poder Legislativo e Tribunal de Contas da União, Ezequiel Nascimento. Ficou aliviada. "Minha preocupação maior era com os meus subordinados", comentou. Mas não era só isso. Havia ainda o temor de ver 32 anos de serviço jogados fora sem direito a nada, por causa de uma ordem recebida do líder do governo, José Roberto Arruda (-PSDB-DF) como uma missão delegada pelo então presidente do Senado, Antonio Carlos Magalhães (PFL-BA).

A história de Regina poderia ser a de muitos servidores. Detentora de um histórico funcional considerado exemplar, ela foi chamada à casa do senador Arruda na noite do dia 27 de junho do ano passado. Lá, recebeu a missão: Antonio Carlos queria a lista com os votos dos senadores na cassação do mandato de Luiz Estevão, no dia seguinte. Saiu da conversa com Arruda e, junto com o marido, foi direto à casa de Ledur, operador do painel, que lhe ajudou a cumprir a missão.

Como ninguém tinha idéia de como violar o sistema, consultaram Nóbrega, que passou o telefone de Sebastião Gazola, técnico da firma responsável pela manutenção do painel. "Será que caberia demissão a um sujeito cuja única participação foi um telefonema?", disse o primeiro-secretário do Senado, Carlos Wilson, minutos depois de despachar a sua decisão. Ledur foi o primeiro a confessar o crime quando surgiu o relatório da Universidade de Campinas (Unicamp), identificando sua senha a que possibilitou a alteração do sistema na madrugada do dia 28.

Com a confissão de Ledur, Regina, que vinha sendo pressionada por Arruda e ACM pra se manter calada, resolveu contar tudo. "Durante aquele período, ela foi considerada uma heroína, enfrentou uma acareação contra dois senadores (Arruda e Antonio Carlos).

Como é que agora querem transformá-la num monstro?", perguntava-se Carlos Wilson, relatando os atenuantes.

O fato de Regina dizer em sua defesa que teve medo da reação do senador Antonio Carlos Magalhães ao não cumprir uma ordem que acreditava ser dele foi desconsiderado por Wilson. "Não posso admitir que um funcionário receba uma ordem escusa e cumpra. Isso não serve como atenuante. Serve de exemplo para que ninguém faça isso", explicou o primeiro-secretário, ao anunciar a sua decisão.

## CORPORATIVISMO

**C**arlos Wilson não conversou ontem com Regina, mas recebeu representantes de todas as associações de servidores do Senado e o presidente do Sindilegis, que foram em comitiva pedir que ele pensasse bem, antes de optar por uma possível demissão. Os servidores disseram ainda que Arruda e ACM podem voltar ao Congresso no próximo ano, se eleitos, e os servidores, se demitidos, perderiam toda uma carreira no serviço público. Wilson considerou essa possibilidade como um atenuante no caso dos servidores.

Na conversa com representantes de associações e o presidente do Sindilegis, Wilson expôs a intenção de criar um código de ética para os servidores do Senado, considerado essencial numa casa que tem 81 chefes — 81 senadores que, quando se referem aos funcionários não admitem, na maioria das vezes, receber um não. Como diz um dos integrantes da comitiva, que trabalhou com o ex-senador Jarbas Passarinho. "Eu sempre ouvi do meu chefe: você pode acertar 99 vezes aqui. Se errar uma, é como se tivesse errado cem". Agora, os servidores querem esclarecer ponto a ponto o que não pode ser feito dentro do Senado e os direitos de cada. Ninguém quer ser a Regina Borges do novo milênio.